

O FAZER SEMIÓTICO DE “QUE PAÍS É ESSE? ROUBANDO GALINHAS OU BRASIL EXPLICADO EM GALINHAS”

Cláudia Maris Tullio ¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o texto “Que País é esse? Roubando galinhas ou Brasil explicado em galinhas” a partir do proposto pela Semiótica Greimasiana. O objetivo foi verificar os mecanismos utilizados pelo enunciador a fim de criar os efeitos de sentido provenientes do texto. Destarte, verificaram-se as estruturas profunda, narrativa e discursiva, assim como a tematização e a figurativização. Cabe salientar que a semiótica procura detectar as significações que estão no texto e, principalmente, explicar como o texto foi construído, organizado para dizer aquilo que se diz. Portanto, o importante é verificar como o texto diz aquilo que ele diz, isto é, os mecanismos linguísticos (texto verbal) empregados a fim de provocar determinados efeitos de sentido. De modo geral, o texto trata da impunidade e da corrupção que impera no Brasil, corroborado pelo próprio título. Também apresentamos a ressamantização do vocábulo ladrão de acordo com as informações que o delegado recebe e com o seu sistema deontológico. Nesse texto, os elementos que revestem o tema da corrupção e da honestidade devem ser interpretados como imaginários, mas isto não implica necessariamente que não estejam a serviço de fazer crer na verdade de um conjunto de valores ideológicos revestidos pelos sujeitos do enunciado, demais seres e ações que constituem a narrativa. O fazem de modo diverso. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica embasada em Greimas, Barbalho, Discini, Barros, Fiorin dentre outros teóricos dos Estudos da Linguagem. Além, buscou-se contextualizar o leitor a respeito da temática apresentada e apresentar os intertextos que permeiam a obra.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Discurso; Efeitos de Sentido.

THE MAKE SEMIOTICS OF “WHAT COUNTRY IS THIS? STEALING CHICKENS OR BRAZIL EXPLAINED IN CHICKENS”

Abstract: This study aims to analyze the text “What country is this? Stealing chickens or chickens in Brazil explained “from the proposed by Greimas Semiotic. The aim was to investigate the mechanisms used by the speaker to create the effects of meaning from text. Thus, there were deep structures, narrative and discursive as well as the theming and figurativization. It should be noted that semiotics aims to discover the meanings that are in the text, and especially, to explain how the text was built, held to mean what it says. So the important thing is to see how the text says what it says, ie, the linguistic devices (verbal text) used to cause certain effects of meaning. In general, the text deals with the impunity and corruption to what prevails in Brazil, supported by its title. Also present the ressamantiza the thief of the word according to the information, tions that the delegate receives and its system of ethics. In this text, the elements that surround the issue of corruption and honesty to be interpreted as imaginary, but this does not necessarily imply that they are not to serve. To make believe in the truth of a set of ideological values of the subjects covered by the statement, and other beings that constitute the narrative. They do it differently. The methodology was based on bibliographic research Greimas, Barbalho, Discini, Barros, Fiorin among other theoretical of Language Studies. In addition, we attempted to contextualize the reader about the issue at hand and present the intertextual permeate the work.

Keywords: *Semiotics; Speech; Effects of Sense.*

¹ Doutora em Estudos da Linguagem (UEL), Docente adjunta da UNICENTRO, Departamento de Letras (DELET/SC). E-mail claudiatullio31@yahoo.com.br

ISSN 2179-0027

DOI 10.5935/2179-0027.20190064

Introdução

FAZER INTERPRETATIVO
Tudo se passa como se as questões postas
no texto se deslocassem
e se modificassem:
não mais “que diz o texto”?
não mais “quem diz o texto”?
mas “como o texto diz o que ele diz”?
(Groupe d’Entrevernes, 1979)

A semiótica procura detectar as significações que estão no texto e, principalmente, explicar como o texto foi construído, organizado para dizer aquilo que se diz. Como estudo dos signos, isto é, as representações das coisas do mundo que estão em nossa mente, ela ajuda a entender como o ser humano interpreta as mensagens, interage com os objetos, pensa etc.

Barbalho faz a seguinte asserção

A semiótica ocupa-se, portanto, com o estudo das manifestações nos seus mais variados modos (oral, escrito, gestual, pictórico, etc.), de forma a buscar compreender como o enunciador constrói o seu texto provocando determinados efeitos de sentido sobre o sujeito receptor. Assim ela se apresenta como modo de leitura do mundo dos outros, dos simulacros por eles construídos através dos signos. (BARBALHO, 2006, p. 80)

O importante é verificar como o texto diz aquilo que ele diz, isto é, os mecanismos linguísticos (texto verbal) empregados a fim de provocar determinados efeitos de sentido.

Fiorin diz que “uma manifestação lingüística é construída por uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetíveis de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo”. (FIORIN, 1997, p. 17)

Portanto, a semiótica é um modo de leitura do mundo dos outros, dos simulacros por eles construídos através dos signos. Cabe ao leitor desvendar as linhas e entrelinhas tecidas no texto.

Para a semiótica texto é uma malha entrelaçada de relações que dão sentido e que possibilita uma

comunicação, uma interação entre o que é expressado, a forma como o é e o conteúdo do que foi dito.

Dessa forma pretendemos mostrar como o texto “Que país é esse? Roubando Galinhas/ ou Brasil explicado em galinhas foi construído para criar os efeitos de sentido decorrentes do mesmo a partir do proposto pela semiótica greimasiana.

Reflexões teóricas

Ao longo do século XX, a linguagem evidenciava a necessidade de ser tomada como objeto de estudo e ser explorada em sua completude. Saussure toma a língua como uma ordem interior da linguagem e enuncia as primeiras propriedades linguísticas, contribuindo com conceitos caros aos Estudos da Linguagem como, por exemplo, o de signo linguístico.

Na esteira de seus ensinamentos, Louis Hjelmslev, linguista dinamarquês, em sua Glossemática cria o termo estrutura para se referir à língua e troca a dicotomia língua /fala por esquema/uso. A partir da dicotomia significante e significado, da noção de signo linguístico de Saussure, constroem-se dois planos (expressão e conteúdo), subdivididos cada um em forma e substância. O plano da expressão (significante) teria como forma o campo da fonologia e como substância o campo da fonética. O plano do conteúdo (significado) teria como forma o campo da morfossintaxe e como substância o campo da semântica.

É no prolongamento da linha teórica de Saussure e de Hjelmslev que se insere a semiótica francesa de A. J. Greimas. De acordo com (Mussalim; Bentes, (2011, p. 394)

O objeto da Semiótica é a significação, entendida não como um a priori já constituído, que se dê integralmente e de uma vez por todas, mas antes, como o resultado de articulações do sentido. É essa constituição do sentido que a semiótica busca expressar, opondo-se, portanto, ao posicionamento de que sobre

o sentido nada se pode ou se deve dizer, por ser evidente ou intraduzível, recusando também a paráfrase, pessoal, impressionista, a interpretação intuitiva.

Neste sentido, a semiótica preocupa-se em evidenciar o modo pelo qual o sentido se consolida, ou seja, investiga não o verdadeiro sentido, mas a sua veridictoriedade (o que parece ser verdadeiro), o simulacro.

A semiótica greimasiana contribui enormemente para a compreensão de sentidos, pois possibilita o exame atento desses níveis de significação manifestados na superfície e na profundidade do texto. Toma o texto como objeto de análise e, ao contrário de Saussure, não considera a linguagem como um sistema de signos, e sim como um sistema de relações, do qual decorre a significação. Pelo fato de descrever e explicar de modo satisfatório o componente narrativo do discurso, é a proposta mais desenvolvida atualmente de análise interna e imanente do texto (BARROS, 2007). A análise interna diz respeito à explicação e descrição dos mecanismos que engendram o texto, isto é, de como o texto é organizado e como diz o que diz.

A noção de percurso gerativo de sentidos permite a apreensão dos textos em diferentes instâncias de abstração, por meio de etapas que variam entre a imanência e a aparência. São três etapas, necessárias para a clareza da explicação do percurso – fundamental, narrativa e discursiva –, e cada uma possui dois componentes, um semântico e um sintático, os quais não serão explorados exaustivamente neste trabalho. Cada etapa, entretanto, será apresentada e explorada ao longo da análise.

Que país é este?

De modo geral, o texto trata da impunidade e da corrupção que impera no Brasil, corroborado pelo próprio título: Que país é esse? Roubando Galinhas ou Brasil explicado em galinhas. O primeiro enunciado “que país é esse?” remete a outros textos conhecidos, como, por exemplo, a música ‘Que país é este?’ (Legião urbana) e, com o mesmo título, o poema de Affonso Romano de Sant’Anna. A interrogação leva ao questionamento de que país é este falado/representado no texto.

Cabe, neste momento, alguns comentários a respeito da música e do poema acima citados a fim de compreender o presente texto. A música “Que país é este?” foi escrita em 1978 quando Renato Russo, o compositor, ainda fazia parte do grupo Aborto Elétrico. O álbum Que País é este? 1978/1987 foi o terceiro da banda Legião Urbana e de cunho social-político relevantes, sendo as que ora nos interessam, pois fazem críticas contundentes a diversos aspectos da sociedade brasileira. A letra de “Que país é este?” apesar de escrita em 1978 só foi lançada em 1987. Relembremos que ainda vivíamos a ditadura militar em 1978 e quando a música do grupo Legião veio a público, 1987, tínhamos recém presenciado a abertura política e o movimento “Diretas Já”, numa verdadeira comoção pública. Momentos tão distintos, mas a letra da música consegue refletir o estado de espírito do brasileiro ante aos desmandos políticos. O interessante é a mesma continuar tão atual, diante dos escândalos governamentais.

Nas favelas, no senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse?

No entanto, a expressão ‘que país é este?’

[...] remete a comentário de De Gaulle, quando presidente da França, em 1964 sobre não ser o Brasil um país sério. Virou título, em 1987, de canção da Legião Urbana, que respondia: “Terceiro Mundo, se for, piada no exterior. Mas o Brasil vai ficar rico, vamos faturar 1 milhão, quando vendermos todas as almas dos nossos índios num leilão.” José Fonseca Filho e Bruno Arruda in <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/colunas/informejb/2004/04/24/jorcolijb20040424001.html> acesso em 25/07/2008 às 10h.

A pergunta “que país é este?” feita por De Gaulle vem sendo repetida em muitos textos: músicas, poemas, artigos, etc. em várias circunstâncias: o escândalo do mensalão; CPI disso, daquilo; falcatriuas; impunidade e favorecimento do Poder Judiciário; caso Isabela; caso isto, caso aquilo. Por exemplo: que país é este, em que uma empregada por ‘furtar’ uma lata de ervilha é presa e deputados, ministros, juízes corruptos estão livres?

Affonso Romano de Sant’Anna, em 1980, também questionava ‘Que País é este?’

Uma coisa é um país
outra um ajuntamento.

Uma coisa é um país,
outra um regimento.

Uma coisa é um país,
outra o confinamento.

[...]

Este é um país de síndicos em geral,
Este é um país de cínicos em geral,
Este é um país de civis e generais.

Este é o país do descontínuo
onde nada congemina, [...]

Apesar de não ser um exilado, o escritor questionava duramente a ditadura como se pode perceber nos fragmentos citados. Ambos os textos (o do Legião e o de Affonso) foram escritos durante o período ditatorial no Brasil, mas a atualidade não só do tema, mas das questões postas nos textos impressionam.

Feitas estas considerações, voltemos ao ‘Que País é esse? Roubando galinhas ou Brasil explicado em galinhas’, objeto deste estudo.

O segundo enunciado ‘roubando galinhas’ com o tempo verbal no gerúndio remete a uma atividade contínua (a de roubar galinhas) e o complemento ‘galinhas’ evoca a idéia de ‘ladrão de galinha’ tão propalada pelo senso comum. Tornou-se clichê afirmar que no Brasil só ladrão de galinhas vai para a cadeia ou só para este tipo de crime há justiça. O subtítulo “Brasil explicado em galinhas” antecipa de que país é este questionado no primeiro enunciado e mais procura explicar o funcionamento deste (em específico, da justiça) através das galinhas.

Mas o que seria um ladrão de galinhas e por que roubando galinhas? Vejamos o que atesta o Dicionário do Folclore Brasileiro de Luís da Câmara Cascudo

Ladrõesde galinha

O costume de roubar aves domésticas em quintais alheios foi uma prática muito comum no Brasil, no início do século passado. Não era delito, mas uma farra. No fim da Quaresma, na madrugada da Sexta-feira da Paixão ou do Sábado de Aleluia, colonos e fazendeiros se reuniam para a brincadeira, invadindo sítios, fazendas e quintais e subtraindo os galináceos que fariam as delícias do banquete do dia seguinte. Segundo o folclorista Câmara Cascudo, o povo achava que a morte de Cristo eliminava momentaneamente todos os direitos de autoridade e propriedade, o que justificava as invasões. De qualquer forma, estas aconteciam apenas uma vez no ano e não davam grandes prejuízos, além de fazer reviver uma antiga tradição cultural que unia pessoas de classes e interesses diversos, isto é, os que possuíam galinhas e os que não as tinham.

<http://www.brasilcultura.com.br/conteudo.php?menu=115&id=268&sub=278> acesso em 25/07/2008, às 11h.

Curioso observar que em sua origem o ato de roubar galinhas não era considerado um crime, mas ‘uma farra’ e como acontecia uma vez no não dava grandes prejuízos. Pois bem, com o tempo as

expressões ‘roubar galinhas’ e ‘ladrão de galinhas’ ganharam outra conotação.

É importante salientar o fato de o texto ser publicado em vários sites da internet desde 2005, sendo a autoria do texto atribuída a Luís Fernando Veríssimo. Ou melhor, cabe a este grande parte do texto tendo sido acrescido com o parágrafo final, por Francisco Rauber e Jorge Baptista Ribeiro.

O contexto sócio-histórico pode ser reconstruído por meio das pistas do texto. Em nível nacional, pipocavam escândalos governamentais de corrupção, compra de deputados, ministros, casos de oligopólio etc. Estava latente a idéia de que os chamados crimes de colarinho branco, isto é, praticados por autoridades ou por pessoas com poder aquisitivo alto não são punidos. A impunidade era/é marca do Brasil, pelas pistas discursivas presentes no texto. Somente o chamado ‘ladrão de galinhas’, ou seja, quem não tem poder aquisitivo alto e que comete pequenos delitos sofre punição. Fica explícita a noção de favorecimento, corrupção e impunidade por parte dos órgãos responsáveis por proteger o cidadão, o patrimônio, etc. Desde a polícia até os altos escalões do poder judiciário.

Recuperemos algumas partes do texto: os termos empregados pelo delegado ao se referir ao ladrão se alteram no decurso do texto à medida que toma conhecimento das demais atividades ilícitas praticadas por este. Aquele ressemantiza o vocábulo ladrão de acordo com as informações que recebe e com o seu sistema deontológico. Assim, utiliza os termos vagabundo, sem-vergonha, safado, grande pilantra quando acredita ter em sua frente um mero ladrão de galinha. O que em sua acepção merece ser punido, humilhado e talvez até espancado porque infringiu a lei.

Posteriormente, começa a tratá-lo como doutor, senhor e Excelência ao saber que investe no tráfico de drogas, na compra de deputados e ministros, no oligopólio, que sonega imposto de

renda e tem conta no exterior para depósitos ilegais. Estes dados possibilitam ao enunciatário, de acordo com seu conhecimento de mundo, perceber os valores que permeiam os órgãos governamentais e a própria sociedade retratados no simulacro criado pelo enunciatador.

O criminoso ‘comum’, isto é, com pouco dinheiro e que comete delito pequeno (roubar galinhas, por exemplo) é preso, tratado com desprezo e brutalidade, enquanto que o criminoso ‘especial’, ou seja, pertencente à elite e que comete crimes onerosos ao patrimônio público e à imagem do Estado (corrupção, prevaricação, sonegação de impostos, por exemplo) é respeitado pelas autoridades. O enunciatador reitera este posicionamento quando o delegado anuncia não poder prender o ladrão por ser réu primário e ter ‘esses antecedentes’ (delitos já citados) e também pela pressão exercida pela OAB, CNBB, ABI, etc, com o apoio da imprensa, ‘dá nó em pingo d’água, inverte tudo”. Reitera também quando o ladrão diz que continua a roubar galinhas, porque é somente agindo assim que se sente realmente um ladrão, fazendo uma coisa proibida. Ou seja, todos os demais atos não são considerados proibidos nem pelo ladrão, nem pelo delegado.

O fazer semiótico...

Cabe ressaltar que segundo Umberto Eco (1997, p. 9), “[...] todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho” e, com isso, traz à tona a concepção dualística de texto, mostrando a sua construção interna, máquina, e sua relação com o contexto sócio-histórico que o envolve (... que o leitor faça uma parte de seu trabalho), propondo a dinamização do processo de compreensão das condições de produção de sentido.

Ao proceder a análise externa, isto é, a reconstrução do texto de fora para dentro por meio

das relações contextuais, o exame da intertextualidade, do diálogo entre os textos, ela revelará concepções, valores, ideias, crenças, condições de existência em fim, as tramas da sociedade e da história, sejam elas reais ou parte de o sistema deontológico do enunciador.

No texto acima, o fazer-saber é informar acerca da impunidade no Brasil, tanto que o fazer-crer consiste justamente no fato de convencer que só ladrões de galinha são presos, ao contrário dos crimes de “colarinho branco”. Já o fazer-fazer busca transformar a consciência do enunciatário para que aja de forma justa e exija das autoridades o fim da impunidade.

O S1 quis fazer-saber que era ladrão. Assim pretende fazer crer o delegado que merecia ser preso e, portanto, levar a fazer-fazer ser preso.

Podemos fazer as seguintes afirmações:

No nível da *estrutura profunda ou fundamental*, pode-se organizar todo o texto em torno de uma oposição básica: corrupção x honestidade (em que a primeira leva a uma situação de impunidade e a segunda a uma de punição).

Deve-se salientar que este nível busca revelar o mais abstrato da produção, do funcionamento e da interpretação do texto. Para tanto organiza a coerência do universo conceptual, ou seja, identifica o que é mais elementar.

Há sempre a oposição semântica de dois semas articulados pelas categorias de euforia e disforia e também pelas operações de negação e asserção.

Temos, preliminarmente, no texto em questão:

a) num primeiro momento, existe a afirmação da honestidade caracterizada pela prisão do ladrão de galinhas;

b) num segundo momento, a negação da honestidade, caracterizada pelos vários delitos cometidos pelo ladrão, sem ser preso;

c) num terceiro momento, a afirmação da corrupção, caracterizada pela decisão do delegado em não autuar o ladrão, haja vista este não ser ‘apenas’ um ladrão de galinhas, mas uma autoridade no assunto.

Ao longo da narrativa há uma afirmação da corrupção (e conseqüente impunidade), quando cada um dos sujeitos manifesta seu ponto de vista. O termo /corrupção/ é o elemento semântico que, no texto, é considerado eufórico, enquanto a /honestidade/ (e conseqüente punição) é vista como disfórica.

O quadrado semiótico de Greimas

<i>Asserção</i> (<i>corrupção</i>)	<i>Negação</i> (<i>honestidade</i>)
---	--

(<i>não- corrupção</i>) <i>Não-asserção</i>	(<i>não- honestidade</i>) <i>não-negação</i>
--	---

No quadrado semiótico acima, visualizamos a estrutura elementar da significação. Na linha horizontal, superior, a relação de contrariedade; e na diagonal, a contradição.

Poderíamos partir de outra oposição para chegar à proposta acima.

<i>Asserção</i> (<i>Poder</i>)	<i>Negação</i> (<i>fragilidade</i>)
-------------------------------------	--

(<i>não- fragilidade</i>) <i>Não-asserção</i>	(<i>não- corrupção</i>) <i>não-negação</i>
--	---

Em uma situação de poder e não-fragilidade, no simulacro ora representado, temos a corrupção a qual leva a uma situação de impunidade. Já em uma situação de fragilidade e não-poder, temos a honestidade que acarreta uma punição.

Interessante o fato de que ao analisar o que o texto diz, o quadrado mostra também o que ele não diz de forma clara, mas que está implícito em suas

entrelinhas. E é através da percepção do implícito e do explícito que se manifesta o todo de sentido do texto.

A narratividade, por sua vez, analisa como os sujeitos executam as operações do nível fundamental, observando o encadeamento lógico das transformações manifestadas que geram sentido.

O segundo nível do percurso gerativo entende que uma “[...] narrativa mínima ocorre quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final” (FIORIN, 1997, p. 21), ligados por programas narrativos que se articulam em percursos narrativos e compõem o esquema narrativo.

Barbalho assim define

O programa narrativo – PN é uma unidade elementar construída de enunciados de estado e de fazer. O primeiro estabelece uma relação de posse ou de privação entre um sujeito e um objeto, ou seja, uma disjunção ou conjunção. O segundo é enfatizado pela transformação de um estado para o outro. Assim os enunciados de fazer regem os de estado que, transformados, geram narrativas mínimas hierarquizadas no texto. (BARBALHO, 2006, p. 6)

No nível da estrutura narrativa, pode-se, assim, construir a seguinte organização:

a) O delegado, de acordo com o previsto em lei, investiga e questiona o suspeito do roubo de galinhas;

b) No decorrer da conversa, passa a tratar com respeito e cerimônia o acusado. Logo, o delegado está em desacordo com o previsto na legislação;

c) O acusado, de acordo com sua consciência, deseja ser preso. Mas, o delegado, em desacordo com a lei, o libera pois acredita que um ladrão com tal categoria não merece ser preso.

Todo texto possui uma narratividade mínima, que é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Logo, um programa narrativo se desenvolve por meio da

transformação de estados, o que sugere um estado que é transformado num outro por meio de uma ação.

Há, no texto, dois programas narrativos básicos: o do ladrão e o do delegado.

O estado inicial apresenta uma euforia tanto para o ladrão quanto para o delegado, pois o primeiro queria ser preso a julgar pelas informações do texto e o delegado cumpria seu dever de polícia.

No início da narrativa, o ladrão manipula, através do roubo, o delegado para que este tome uma atitude: prende-lo. O delegado, a princípio, tem o querer e o dever de prender o suspeito.

O delegado é competente para prender o suspeito: quer praticar tal ato; sabe como e o porquê; pode (tem a autoridade necessária) e deve (pois se encontra no exercício da função de polícia).

No decurso da narrativa, a fase da performance decorre dos fatos relatados pelo ladrão levando o sujeito do fazer, delegado, a executar a ação de não prender aquele.

Temos, pois, o

$S2(\text{ladrão}) \cap Ov(\text{prisão/punidade})$

$S1(\text{delegado}) \cap Ov(\text{prisão/punidade}) \rightarrow S1(\text{delegado}) \rightarrow Ov(\text{prisão/punidade})$

Tanto o S1 quanto o S2 estão em conjunção com seu objeto de valor (prisão/punidade), mas devido às transformações ocorridas na narrativa ambos entram em disjunção.

O estado final apresenta uma euforia para o delegado pelo fato de não efetuar a prisão (o que seria uma disforia para este), e uma disforia para o ladrão que queria ser preso e não conseguiu seu intento.

O papel temático (sistema deontológico dever - obrigações) do delegado era prender o ladrão, o que não se sucedeu. Logo, o delegado não cumpriu seu papel temático.

No entanto há de se fazer uma ressalva. Os valores morais e éticos vigentes no simulacro da

narrativa reflete um sistema deontológico pautado pelo sistema social ali representado: corrupto e impune.

Segundo Barros

A semântica do nível narrativo ocupa-se dos valores inscritos nos objetos. Numa narrativa, aparecem dois tipos de objetos: objetos modais e objetos de valor. Os primeiros são o querer, o dever, o saber e o poder fazer, são aqueles elementos cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal. Os segundos são os objetos com que se entra em conjunção ou disjunção na performance principal. [...] O objeto modal é aquele necessário para obter outro objeto. O objeto-valor é aquele cuja obtenção é o fim último de um sujeito. (BARROS, 2007, p. 36-37)

Para o S2 roubar galinhas é objeto de valor modal, necessário para ser preso. Sentir o risco de roubar é objeto de valor descritivo.

Percebe-se ser a narratividade o estudo da ação dos enunciados, os quais revelam a motivação e a ideologia mostrada pelo nível profundo. Em tese, um nível confirma as proposições feitas no nível anterior, a fim de mostrar a dinâmica do texto.

O nível discursivo do percurso gerativo de sentido analisa os traços do ato de enunciação no texto enunciado. Ao se manifestar, o sujeito o faz através de uma complexa rede de formas e arranjos que produzem efeitos diversos.

No nível da *estrutura superficial ou discursiva*, depreendem-se os seguintes dados:

a) Há um delegado que prende um sujeito acusado de roubar galinhas;

b) O suspeito é inquirido pelo delegado e conta que roubar galinhas o faz se sentir ladrão, apesar de praticar outras atividades ilícitas (até mais graves);

c) O ladrão quer ser preso, mas o delegado argumenta que aquele deve ser liberado.

Ao projetar a enunciação, o sujeito dirige-se a uma escolha, de pessoa, de tempo e de espaço. No enunciado que estamos analisando, estão

projetados, num primeiro plano, uma pessoa (ele/narrador), um tempo (não agora = mandou) e um espaço (lá). Operou-se, portanto, uma debreagem enunciativa e estabeleceu-se uma objetividade e certo afastamento do narrador, identificado pela terceira pessoa como narrador-observador.

Porém, o enunciador operou debreagem interna como diz Barros “pode o enunciador operar debreagens internas, ou seja, de segundo grau. Isso ocorre quando o narrador dá a palavra a uma das pessoas do enunciado ou da enunciação já instalada no enunciado”. (BARROS, 2007, p. 66-67)

O narrador dá voz às duas pessoas do enunciado: Delegado e ladrão. Realiza-se, num segundo plano, debreagem enunciativa, instalando no enunciado um eu, um aqui e um agora.

O enunciador ao fazer uso da debreagem enunciativa e da enunciativa faz um jogo de delegação de vozes: os dois momentos em que aparece a debreagem enunciativa actancial revelam um distanciamento da situação (pegaram; mandou etc.) relatada. Mas, ao delegar vozes às pessoas do enunciado cria um ‘efeito de sentido de verdade’.

As debreagens internas são responsáveis pela produção de simulacros de diálogos nos textos, pois estabelecem interlocutores, ao dar voz a atores já inscritos no discurso. A debreagem de segundo grau cria a unidade discursiva denominada discurso direto e cria um efeito de sentido de verdade. Com efeito, o discurso direto proporciona ao enunciatário a ilusão de ouvir o outro, ou seja, suas “verdadeiras” palavras. (BARROS, 2007, p. 67)

Dessa forma, com esse procedimento o enunciatário é levado a crer nas verdades contidas no texto: a corrupção se alastra pelos órgãos governamentais, ou não, e por todas as instâncias dos Poderes; a corrupção tem valor positivo na sociedade; ladrão de galinhas deve ser preso, etc.

E, assim, de acordo com as condições sócio-históricas do Brasil, é possível considerar o texto como reflexo da realidade (em qualquer época?) e também relacioná-lo com os textos (intertextos)

mencionados anteriormente. Que país é este manchado pela corrupção, pela desonestidade?

A escolha de determinados temas e figuras revelam a estratégia adotada pelo enunciador para reiterar a construção social do sujeito.

A tematização expressa elementos abstratos buscando explicar a realidade e representar o mundo através de um investimento conceptual. Os temas organizam, categorizam e ordenam a realidade significante de modo a permitir sua interpretação. Temas são, portanto, palavras ou expressões que representam algo não existente no mundo natural, como a felicidade, a humanidade, por exemplo. A figurativização representa o concreto, uma vez que se manifesta através do mundo natural como o sol, a lua, etc., entretanto, em alguns casos, as figuras se apresentam também através dos mundos fictícios, criados pela imaginação humana, como um marciano, por exemplo. (BARBALHO, 2006, p. 90)

Algumas das figuras presentes no texto: galinhas, flagrante, galinheiros, delegacia, cadeia, comércio, ovos, produtos, etc. e os verbos: pegaram, levaram, vai, pegou etc.

Os temas são prioritariamente: a corrupção, a honestidade e a impunidade. Também podemos citar como temas: o perigo, a excitação, o respeito, o orgulho.

De modo geral, o texto é predominantemente figurativo, justamente pelo fato de as figuras, assim como a debragem enunciativa interna, criarem um efeito de realidade, feitos para simular o mundo.

As figuras roubando galinhas, comer sem trabalhar, 'vou para a cadeia', por exemplo, revestem o tema da honestidade. "Investir no tráfico de drogas, comprar deputados, etc., por exemplo, revestem o tema da corrupção. As expressões de tratamento do ladrão empregadas pelo delegado também revelam este tema. "Não vai ser preso", 'réu primário e com esses antecedentes' denotam

o tema da impunidade, afinal, os tais antecedentes eram suficientes para que o ladrão fosse preso.

Assim, a construção social do sujeito é feita a partir de um sistema deontológico de impunidade, de corrupção, de desonestidade.

Ao final, lembramos Barbalho

Em busca de efetivar o seu fazer persuasivo, o enunciador procura, através da utilização de estratégias previamente preparadas, dizer sem ter dito operando no campo da simulação ou da dissimulação. Ao enunciatário cabe perceber o segredo ou a mentira através do seu fazer interpretativo e com isto desvelar a verdade, produzir um novo saber, descobrir os significados, enfim perceber o que faz sentido através das marcas deixadas e das relações entre texto e contexto sócio-histórico. (BARBALHO, 2006, p. 10)

Ao mergulhar no texto, objeto de estudo, estabelecemos relações de veridicção com o posto e o Brasil nos seus mais de 500 anos. Como diria um autor anônimo "qualquer semelhança, de fatos, de pessoas, de nomes, com a realidade é mera coincidência".

Considerações Finais

Nesse texto, os elementos que revestem o tema da corrupção e da honestidade devem ser interpretados como imaginários, mas isto não implica necessariamente que não estejam a serviço de fazer crer na verdade de um conjunto de valores ideológicos revestidos pelos sujeitos do enunciado, demais seres e ações que constituem a narrativa. O fazem de modo diverso.

Partindo da premissa de que o conhecimento não é um produto pronto e acabado, a reflexão realizada nos mostrou que há um longo caminho a ser percorrido, com novas inquietações e dúvidas.

É preciso continuar, pois o resultado deste trabalho nos estimulou, mais ainda, a sempre nos mantermos curiosos e críticos nesse caminhar. Nas palavras de Proust “*Uma verdadeira viagem de descoberta não é a de pesquisar novas terras, mas de ter um novo olhar*”.

REFERÊNCIAS

FIORIN, José Luiz. Elementos da análise do discurso. 4 ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____; SAVIOLI, Francisco Platão. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1990.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Fazer semiótico: subsídios para exame do espaço concreto. Enc. Bibli:R. Eletr.Bibliotecon. Ci. Inf.: Florianópolis, 2º número esp., 2º semestre 2006. P. 79-96.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria Semiótica do Texto. 4 ed. São Paulo: Ática, 2007.

DISCINI, Norma. A comunicação nos textos. São Paulo: Contexto, 2005.

ECO, Umberto. Seis passeios no bosque da ficção. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MUSSALIM, F. BENTES, A. C. Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

http://tiagokoy.multiply.com/reviews/item/10?&item_id=10&view:replies=reverse, acessado em 26/07/2007, às 20h.

<http://terra.com.br>

Submissão: 24 de setembro de 2019.

Aceite: 18 de outubro de 2019.

ANEXO

Que país é esse? Roubando galinhas

Ou

BRASIL EXPLICADO EM GALINHAS

Luis Fernando Veríssimo

Francisco Rauber e Jorge Baptista Ribeiro

Pegaram o cara em flagrante roubando galinhas de um galinheiro e levaram para a delegacia.

- Que vida mansa, hein, vagabundo? Roubando galinha para ter o que comer sem precisar trabalhar. Vai para a cadeia!

- Não era para mim não. Era para vender.

- Pior. Venda de artigo roubado. Concorrência desleal com o comércio estabelecido. Sem-vergonha!

- Mas eu vendia mais caro.

- Mais caro?

- Espalhei o boato que as galinhas do galinheiro eram bichadas e as minhas não. É que as do galinheiro botavam ovos brancos enquanto as minhas botavam ovos marrons.

- Mas eram as mesmas galinhas, safado!

- Os ovos das minhas eu pintava.

- Que grande pilantra... mas já havia um certo respeito no tom do delegado.

Ainda bem que você foi preso. Se o dono do galinheiro te pega...

- Já me pegou. Fiz um acerto com ele. Me comprometi a não espalhar mais boatos sobre as galinhas dele e ele se comprometeu a aumentar os preços dos produtos dele para ficarem iguais aos meus. Convidamos outros donos de galinheiro a entrar no nosso esquema.

Formamos um oligopólio. Ou, no caso, um ovigopólio...

- E o que você faz com o lucro do seu negócio?

- Especulo com dólar. Invisto alguma coisa no tráfico de drogas. Comprei alguns deputados. Dois ou

três ministros. Consegui exclusividade no suprimento de galinhas e ovos para programas de alimentação do governo e superfaturado os preços.

O delegado mandou pedir um cafezinho para o preso e perguntou se a cadeira estava confortável, se ele não queria uma almofada.

Depois perguntou:

- Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso, o senhor não está milionário?

- Trilionário. Sem contar o que eu sonego de Imposto de Renda e o que tenho depositado ilegalmente no exterior.

- E, com tudo isso, o senhor continua roubando galinhas?

- Às vezes. Sabe como é.

- Não sei não Excelência. Me explique.

- É que, em todas essas atividades, eu sinto falta de uma coisa.

O risco entende? Daquela sensação de perigo, de estar fazendo uma coisa proibida, da iminência do castigo. Só roubando galinhas eu me sinto realmente um ladrão, e isto é excitante. Como agora. Fui preso. Finalmente. Vou para a cadeia. É uma experiência nova.

- O que é isso, Excelência? O senhor não vai ser preso não.

- Mas fui pego em flagrante pulando a cerca do galinheiro!

- Sim. Mas réu primário, e com esses antecedentes, terei sérias dificuldades para enquadrá-lo na forma da lei!!!

Ademais, livre-me Deus de flagrantes dessa natureza. Quem se mete numa dessas, acaba entrando em fria. Sabe como é... tem aí uma turma dos direitos humanos, da CNBB, da OAB, da ABI, etc, que com apoio da imprensa, dá nó em pingo d'água, inverte tudo... vão acabar convencendo todo mundo que tenho que indenizar você. Isto na melhor das hipóteses. Meu medo maior é acabar indo em cana, tal a onda que eles fazem. Mas olha! Vê se alivia meu lado e vai roubar galinha em outra jurisdição.

Fonte: http://tiagokoy.multiply.com/reviews/item/10?&item_id=10&view:replies=reverse, acessado em 26/07/2007, às 20h.

Que País é Este

Legião Urbana

Composição: Renato Russo
Nas favelas, no senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
No Amazonas, no Araguaia já, já,
Na baixada fluminense
Mato Grosso, Minas Gerais e no
Nordeste tudo em paz
Na morte o meu descanso, mas o
Sangue anda solto
Manchando os papéis e documentos fiéis
Ao descanso do patrão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Terceiro mundo, se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

Que país é este?

para Raymundo Faoro
“¿Puedo decir que nos han traicionado? No. ¿Que todos fueram buenos? Tampoco. Pero allí está una buena voluntad, sin duda y sobretodo, el ser así.”
César Vallejo

Fragmento 1

Uma coisa é um país
outra um ajuntamento.

Uma coisa é um país,
outra um regimento.

Uma coisa é um país,
outra o confinamento.

Mas já soube datas, guerras, estátuas
usei caderno “Avante”
- e desfilei de tênis para o ditador.

Vinha de um “berço esplêndido” para
um
“futuro radioso”
e éramos maiores em tudo
- discursando rios e pretensão.

Uma coisa é um país,
outra um fingimento.

Uma coisa é um país,
outra um monumento.

Uma coisa é um país,
outra o aviltamento.

Deveria derribar aflitos mapas sobre
a praça
em busca de especiosa raiz? ou
deveria
parar de ler jornais
e ler anais
como anal
animal
hiena patética
na merda nacional?
Ou deveria, enfim, jejuar na Torre do
Tombo
comendo o que as traças descomem

procurando
o Quinto Império, o primeiro
portulano, a viciosa
visão do paraíso?

...